

Palavras iniciais

Ao contrário do que muitas pessoas possam pensar, no mundo do esoterismo e da espiritualidade não reina o consenso entre os seus adeptos, havendo mesmo diversas (e profundas) divergências em práticas, conceitos e filosofias-base, mas não se devendo tal situação apenas ao sentido individualista humano, que gera sempre diferenças de gosto ou opinião em qualquer assunto e sempre predisposto a criar mil igrejas a partir de mil monges, como está bem expresso na máxima popular: «Cada cabeça, sua sentença».

Apesar da emanção divina (ou cósmica) ser uma, e absoluta, ela vai-se dividindo e especializando na sua «migração» pelos mundos espirituais até alcançar a mais ínfima parcela da matéria, assumindo então características específicas de acordo com o nível espiritual de quem a recebe ou do substrato onde ela é substanciada. Cada prática espiritual está ligada (e foi concebida) para (e em) um dado momento histórico, uma cultura, uma etnia ou povo ou uma área geográfica específica, pois cada povo, tempo e região tiveram e têm especificidades e necessidades evolutivas (e contributos) mais ou menos próprias. O que, muitas vezes, dificulta a verdadeira compreensão dos textos antigos ou de outras culturas, pois falta-nos o contexto emocional, mental e espiritual, bem como o sentido particular de algumas palavras e símbolos, para podermos perceber em verdade os seus sentidos mais profundos, e mesmo dentro de um dado povo os próprios textos sagrados e ocultos não são compreendidos e com o tempo cada vez menos percebidos, pois os sentidos e vivências alteram-se e perdem-se as especificidades. Muitas vezes há adaptações ao quotidiano, mas costumam ser meras aproximações. Uma das objecções que os ateus levantam à existência de Deus é que a imagem e a «personalidade» de Deus se parecem tanto com os desejos e os medos dos seres humanos seus devotos, que Deus tem de ser uma construção humana. E têm razão, mas apenas em parte, pois Deus está na verdade para além de quaisquer representações humanas, enquanto Absoluto, mas Deus apenas pode ser experienciado e percebido pelas pessoas através das capacidades mentais, intelectuais e espirituais destas últimas. Assim, não é de admirar que Deus vá-se dando a conhecer, nos seus diferentes e múltiplos aspectos, à medida que os humanos vão estando preparados para o perceberem e poderem integrar essas novas qualidades divinas. É como se Deus se fosse mostrando à medida da capacidade dos olhos humanos. Este processo evolutivo da humanidade se aproximar de Deus não tem sido feito de modo linear e monoliticamente, como a limitação humana pode pensar ou desejar, mas é uma tarefa evolutiva realizada através do contributo de uma multitude de pessoas, povos e épocas históricas, em que, umas vezes se avança, concentra ou purifica e outras vezes se recua, dispersa ou mistura o impulso básico do crescimento espiritual. E se é verdade que a percepção espiritual vai evoluindo ao

longo do tempo, também é facilmente verificável que esse desenvolvimento não se faz de forma homogênea nem global, levando a que facilmente coexistam em dado momento filosofias e entendimentos muito diversos entre si, quando não mesmo antagônicos, constituindo esta situação um resultado da diversidade humana e da sua liberdade de acção. Esta é uma situação, em grande medida, de considerável valor, mas também pode ter os seus inconvenientes, quando se verificam fenómenos de regressão ou de cristalização dessas mesmas filosofias, continuando elas a terem a capacidade de arrastar pessoas nos seus objectivos.

Por outro lado, ainda se pode verificar o desvirtuamento, mais consciente, da verdade divina quando a mesma é percebida como ferramenta para satisfação das necessidades de poder (político, económico, social, religioso, etc.) que costumam dominar, em maior ou menor medida, qualquer mero mortal. Não são os ensinamentos religiosos a causa das muitas atrocidades perpetradas pelas religiões, nem são as regras religiosas que tornam maus exemplos alguns dos seus sacerdotes ou devotos, mas é a facilidade com que as instituições religiosas e as crenças espirituais podem ser usadas para fins pouco dignos que atraem às suas fileiras esses elementos negativos. Não é a religião que faz o «pecador», mas são alguns pecadores que se aproximam da religião não para mudarem, mas para satisfazerem as suas necessidades de poder. E o mesmo se poderá dizer de todas as sociedades, grupos e estruturas humanas, especialmente todas aquelas onde exista um poder instituído e uma escala hierárquica. Talvez seja por esta razão que os verdadeiros mestres e profetas transmitem os seus ensinamentos e verdades, mas costumam «esquecer-se» de criar igrejas ou organizações de culto, que sejam algo mais do que comunidades livres de seguidores.

Parece ser uma maldição humana que após o desaparecimento do criador ou do revelador de alguma verdade espiritual, a corrupção se apodere dos seus frutos e procure alterar a sua essência para melhor serem servidos os interesses deste mundo. Mas felizmente, não são apenas as forças corruptoras que dominam este mundo, pois se há morte também há nascimento e se há corrupção também há renovação, num contínuo desafio divino ao fim, à estagnação e à entropia. Pena que muitos devotos, por adoração aos seus profetas, mestres ou deuses, fiquem presos a crenças e perspectivas que já pouco ou nada têm a ver com esses mesmos profetas, mestres ou deuses, recusando-se a acompanhar os processos naturais e divinos de renovação espiritual. E deixam-se ficar presos ao erro em nome da tradição, da cultura e do passado, como se Deus não fosse antes de mais futuro.

É nesta complexidade e liberdade (livre-arbítrio) que a humanidade procura ou entende Deus, limitada na sua senda pelas suas (in)capacidades expressas no entendimento parcelar e relativo da emanação divina, e que o século XX (e os primeiros anos do séc. XXI) assistiu a uma explosão inusitada de pesquisadores do oculto, de escritores esotéricos e de mestres espirituais: alguns deles atingindo uma aura de seriedade e de sabedoria, estável ao longo do tempo (porque verdadeira),

diversos outros não ultrapassando a fasquia das boas intenções e dos rudimentos da arte, mas outros salientando-se mais pela cobiça do poder que, directa ou indirectamente, tal área vem possibilitando, e participando, com maior ou menor consciência, na desvirtuação e corrupção dos ensinamentos espirituais.

Não é difícil compreender a facilidade com que tal situação degenerativa tem vindo a avolumar-se, e até a predominar; basta atender a que o gosto pelo exotismo e pela novidade associados ao comodismo (onde se confunde a lei do menor esforço –da economia de recursos - com a do pouco esforço) e à facilidade em aceder e escolher uma variedade enorme de modalidades e saberes (ou pseudo-saberes) obscurecem a capacidade de discriminação e favorecem o desenvolvimento de práticas e teorias cada vez mais estranhas, mas também mais simplistas e «encantadoras», capazes de satisfazerem os desejos de cada um. São várias as ilusões e os enganos propagados na esfera das práticas ocultas ou espirituais, atraindo um vasto público através das possíveis vantagens pessoais que os métodos garantem proporcionar, mas omitindo, mesmo que muitas vezes por desconhecimento, as contrapartidas associadas, os efeitos colaterais imprevisíveis ou os desvios consequentes. Estamos tão habituados a viver num mundo em que o governo da sociedade se baseia em promessas maravilhosas feitas durante as eleições, e que raramente ou nunca se chegam a concretizar, e em que o motor da economia parece assentar na publicidade enganadora, onde fantasias e desejos irrealizáveis são vendidos «embrulhados» na forma de objectos materiais, que não desconfiamos que também podem existir aspectos negativos associados ao esoterismo e à espiritualidade e que, apesar de certas práticas poderem ser divulgadas como panaceias ou vias legítimas e seguras para a realização espiritual, a saúde, o bem-estar pessoal ou a felicidade geral, podem ter efeitos perversos e perturbadores e serem mesmo espiritualmente danosas e bloqueantes, especialmente para aqueles que procuram seguir um caminho iniciático. Inúmeras práticas ancestrais, de vanguarda quando surgiram, deixaram de ser o supra-sumo da espiritualidade, não estando mais adaptadas para quem continua a procurar os níveis de consciência espiritual mais elevados. Pode parecer que nenhum mal pode advir de algo que está associado ao «bem», ao «espiritual», a «deus»; e se as palavras «amor», «felicidade» e «paz» são usadas amiúde num texto, então é porque a mensagem é boa, certamente, e os efeitos ainda melhores. Mas nem tudo o que é metafísico ou imaterial é divino, perfeito ou elevado, pois forças mais ou menos tenebrosas usam e persistem em mundos suprafísicos, e para a maioria das pessoas pouca diferença faz se a mensagem vem do astral ou do mental superior (do Manas, em linguagem teosófica), pois tudo lhes parece transcendente e elevado.

Neste contexto, e com a facilidade possibilitada pelos meios de comunicação de massas actuais, muitos consumidores têm ao seu dispor uma imensidão de matérias esotéricas, espirituais, ocultistas, mágicas ou espiritualistas, entre outras, com inúmeras revistas, livros e palestras a fomentarem a adesão popular ao universo do desconhecido. E se há aspectos positivos na presente maré de interesse por estas

matérias, como, por exemplo, uma abertura da população para as esferas suprafísicas e para a tomada de consciência de que existe muito mais do que o que as igrejas e as escolas têm ensinado, também se compreende que o terreno ficou muito fértil para os «falsos messias» que, na busca de prestígio e riqueza, clamam ter consigo a solução fácil e rápida para os problemas mais comuns que afligem o género humano.

Se a busca espiritual costuma ser mais comparada com o andar-se no fio da navalha, tendo mais a ver com o sacrifício do eu inferior, ou seja, com a eliminação do interesse das vantagens pessoais e mundanas, pois é incompatível servir a Deus e a César ao mesmo tempo (embora haja livros que garantam ser possível conciliar os dois e muitas igrejas e cultos religiosos, sociedades e indivíduos tenham sacrificado as suas almas e verdades espirituais na vã tentativa de o conseguirem), como será possível que tantas pessoas desejosas de alcançarem poder e satisfazerem os seus caprichos terrenos sejam atraídas para o mundo do esoterismo? A menos que este seja apresentado deturpado, excessivamente simplista ou funcione em ligação aos mundos íferos (mais dados à sedução enganadora e às falsas promessas) e não aos superiores. Ao contrário do que uma visão simplista e unilateral possa imaginar, são diversas as hierarquias espirituais envolvidas com a evolução da humanidade, cada uma delas influenciando a seu modo, com as suas capacidades e com os seus objectivos específicos, algumas vezes divergentes e mesmo opostos entre si.

E se por espiritualidade se pode entender a comunhão com o Divino e com as componentes eternas do ser humano (e de todas as espécies e entes), ou seja, para além de toda a materialidade percívél e curta, como se pode invocar a espiritualidade para validar práticas psíquicas com o fito de se contrariar o envelhecimento, de se ter mais força física e vigor sexual, ou para se conseguir subir na escala social, ter mais amigos e ser mais carismático? Tais desejos são legítimos, especialmente para quem o mundo físico é o expoente máximo da realização pessoal, mas recorrer à espiritualidade para satisfazer esses objectivos não será distorcer perigosamente a realidade e a essência das coisas? Imaginar-se-á Buda a fazer meditação para aumentar o vigor sexual? Ou Jesus a orar ao pai para poder subir na hierarquia do templo ou na administração romana? Ou Ghandi preocupado com a elasticidade da pele? Ou Francisco de Assis a recorrer a milagres para ser mais popular entre os homens? Quando Jesus foi tentado pelo demónio no deserto foram-lhe prometidas muitas das coisas que muitas pessoas procuram ou encontram em diversos livros e práticas ocultistas e espirituais.

Por vezes, fica-se mesmo perplexo com a facilidade com que os mundos espirituais parecem estar ao dispor de cada um: pode ser-se canal de energias divinas e não deixar a carne, o álcool ou o tabaco (que contraste com as indicações de Abramelin que afirmava que para se conseguir o contacto com o Sagrado Anjo Guardião, seriam precisos cerca de 6 meses de preparação e purificação, onde se incluiria abstinência sexual, não ingestão de bebidas alcoólicas e muitas outras restrições às quais se juntava o levantar-se sempre antes do Sol nascer); pode-se ser iniciado numa

disciplina ou prática espiritual em algumas aulas e meia dúzia de exercícios (no Antigo Egipto a iniciação podia chegar ao encerramento em transe num sepulcro por três dias, após vários meses ou anos de preparação). É certo que a humanidade já evoluiu muito desde os tempos antigos e que agora tudo pode ser mais rápido e não exigir tanto esforço, mas parece ser demasiado fácil que apenas com algum dinheiro, quase nenhum esforço e sem mudanças interiores relevantes se possa ter a aura limpa, os chakras alinhados, a conta cósmica equilibrada, as energias espirituais renovadas. Parece poder-se viajar pelo astral sem lidar antes com o guardião do umbral, ter-se acesso ao futuro sem abrir brechas, perder lastro nem gerar vórtices negativos, eliminarem-se os vícios fechando os olhos e entregando as mentes a terceiros, brincar com os elementais e esquecer-se que as forças da natureza não são apenas brisas, fogueiras ou homenzinhos de verde a guardar tesouros enterrados.

Max Heindel escreveu nas suas *Cartas aos Estudantes* que quem deixasse de comer carne movido por uma questão de saúde, de bem-estar pessoal ou mesmo para poder desenvolver-se mais depressa espiritualmente estava a deixar de comer carne por motivos egoístas e pouco valor espiritual teria em comparação com quem deixa de comer carne por amor para com os animais. Na realidade, o caminho espiritual tem sempre mais de desapego e renúncia do que de prazer e ganhos materiais. No entanto, massas de pessoas continuam a recorrer a práticas mais ou menos esotéricas na esperança de alcançarem a saúde, conseguirem empregos melhores, realizarem os seus desejos afectivos, amealharem dinheiro, saberem se os seus desejos (quando não meros caprichos) se irão realizar ou não. Parece que o mundo do esoterismo se tornou num poço de desejos moderno, onde se obtém tudo o que se quer. Parece que alguém se esqueceu que para seguir Gautama, o Buda, e alcançar a sua plácida sabedoria, terá também de abandonar a vida palaciana e o luxo, e que quem quer seguir Cristo Jesus não se pode esquecer que a cruz é uma realidade e um fim iniciático, não se conseguindo ficar apenas a curar doentes, a multiplicar pães ou a caminhar sobre as águas.

O objectivo do presente livro é, por conseguinte, divulgar algumas dessas indicações e alertas sobre as inconveniências ou os danos que podem ser provocados por práticas negativas na senda do esoterismo e da espiritualidade, procurando contribuir, deste modo, para uma melhor discriminação e clareza mental, tão características da influência de Virgem. Características essas que estiveram sempre secundarizadas ao longo da Era de Peixes, e continuam a estar ausentes em diversas modas «esotéricas» e em alguns dos sincretismos nebulosos que se revelam na corrente chamada New Age, e que tendem a prolongar para o futuro a tendência de usar as paixões e as ambições como veículo de busca nos campos da alma. Ou talvez sejam apenas os últimos fogachos duma Era em dissolução a alimentarem ainda as últimas fantasias de quem quer chegar ao céu com a mente imobilizada em nome da paz e da tranquilidade.

Será por algo parecido com isto que Olavo de Carvalho, astrólogo e filósofo brasileiro, aproveita para, numa entrevista feita pelo Porto do Céu, afirmar que: «A era de Aquário é exactamente isto, a era da farsa, e já estamos nela. O Anticristo já está aí. Hoje, através dos meios de comunicação, é possível que dez pessoas mintam simultaneamente para bilhões e a farsa fica estabelecida.» E aproveita para dizer que «Se você está no meio da confusão geral e ainda está tentando descobrir o que é o certo, no meio de pessoas que não sabem mais distinguir o bem do mal, então você já fez muito.» ou então: «Nós estamos vivendo numa era verdadeiramente terrível. O número de coisas que dá para saber e utilizar como orientação é muito pequeno. A humanidade sempre soube mais ou menos o que estava acontecendo, as decisões de reis e príncipes não eram mistérios inimagináveis. Hoje são. As pessoas poderosas estão distantes, cercadas por muros e muros de segredos e mentiras. Os instrumentos de ocultação são monstruosos. Mais do que na era da informação, estamos na da ocultação.»

Parece estarmos a entrar na Era de Aquário (ou já entrámos, segundo a maioria dos autores, onde se inclui Olavo de Carvalho; ou ainda não, segundo outras perspectivas, como a rosacruciana, que aponta para 2600 o verdadeiro início, tendo em conta a precessão dos equinócios, embora assegure que já estamos dentro da sua órbita de influência). Será uma nova fase de cerca de 2100 anos, em que a humanidade pode deixar como contribuição para o futuro, um novo sentido de fraternidade, uma nova universalidade e novas concepções ideológicas e paradigmas filosófico-científicos purgados de obscurantismos e de reducionismos materialistas e dogmáticos. Mas também pode resultar num mundo ferido por globalizações economicistas, por uma ciência que clona e modifica geneticamente sem valores superiores que não sejam os do utilitarismo materialista e por sistemas ditatoriais (mais camuflados ou menos) a nível regional ou mundial, onde todos são espiados e a liberdade eliminada em nome da segurança; um mundo onde a informática criará realidades cada vez mais virtuais, mais cibernéticas e cada vez menos naturais, tão ao estilo de *Matrix*, e onde inocentemente vamos permitindo que os nossos filhos aprendam a matar cada vez mais eficientemente em jogos da tecnologia informática.

Normalmente a humanidade vai, em cada era astrológica, evoluindo paulatinamente, usando as energias cósmicas disponíveis para definir e interiorizar algumas virtudes espirituais, mas criando ao mesmo tempo diversas aberrações a partir dessas mesmas energias. Se em Peixes tivemos alguns dos valores mais sublimes dados à humanidade, pois nada poderá ser superior à máxima de «ama os outros como a ti mesmo» e ao impulso altruísta para que cada um se sacrifique, inclusive, pelos seus inimigos (sob a influência de Júpiter e de Neptuno, regentes de Peixes), também é verdade que se assistiu a grandes guerras religiosas e a inúmeras atrocidades em nome do amor. Será que a descoberta do planeta Urano, o regente de Aquário (juntamente com Saturno), ter coincido com a Revolução Francesa e com o regime de terror surgido em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade nos poderá ajudar

a perceber outras influências menos agradáveis? O futuro e os historiadores o saberão melhor do que nós, no entanto, talvez tenhamos de perceber que a Era de Aquário será algo mais a construir de acordo com o comportamento de cada um e os arquétipos colectivos do que propriamente uma realidade já predefinida: e os catastrofistas, que antevêem o apocalipse final para breve, bem como aqueles que garantem uma idade de Ouro dentro de momentos, porventura na esperança de sossegar (ou adormecer) as mentes, poderão estar errados.

Um bom contributo para o futuro passará certamente por cada um dar o seu melhor para reduzir a perturbação energética dos corpos e dos mundos suprafísicos (resultado para o qual concorre a aplicação contínua de tantos métodos esotéricos sem bom senso nem método), e deixar de facilitar a expressão de inúmeros entes que geram mais perturbação do que evolução. Cabe-nos, em suma, descobrir para que mundo queremos contribuir, se queremos alimentar o Graal Branco ou o Graal Negro, a Fraternidade Branca ou a Negra⁽¹⁾, como tão bem pergunta António de Macedo no seu *Laboratório Mágico*, e desejar que os inúmeros aprendizes de feiticeiro que «brincam» com energias, mantras, orações, magias e rituais de forma caótica e superficial, de forma egoísta, possam perceber que talvez estejam a contribuir para o caos e a desordem que se vai instalando quase impune e fatalmente no presente, pois apesar de cada vez se falar mais de amor, paz e espiritualidade o mundo parece ir cada vez mais sofrendo com o terror, a guerra, a fome e a miséria humanas.

| |
|-------------|
| Advertência |
|-------------|

As indicações dadas ao longo dos textos são especialmente dirigidas para todos aqueles que procuram seguir um caminho crístico e esotérico (seja este conhecido por cristianismo esotérico, esoterismo cristão ou cristianismo gnóstico), não tendo o autor a pretensão de estar a reunir e a divulgar indicações que tenham de ser consideradas como verdades absolutas, universais ou exclusivas, ou seja, que estejam vocacionadas para todas as pessoas e que não possam ser objecto de reformulação no futuro, pois faz parte da evolução humana hoje algo ser bem e num futuro ser mal, embora isto não signifique que tudo seja relativo e que o bem e o mal sejam apenas questões circunstanciais, mas sim que, pelo processo evolutivo geral, os caminhos percorridos até um dado momento podem deixar de ser adequados para o futuro, passando a ser fenómenos desfasados e retardantes.

Há duas formas extremadas de alguém se posicionar, e as duas têm grande probabilidade de levar ao erro: uma é considerar que a perspectiva a que se aderiu é a

⁽¹⁾ Note-se que estes termos não têm qualquer relação com raças humanas nem com cores da pele, mas antes querem designar a comunidade do Bem e a comunidade do mal, já que no Mundo Ocidental o branco teve sempre a ver com a pureza e o Bem e o preto com a morte e o mal.

melhor do mundo e todas as outras são desvios, enganos ou erros a combater, ao velho estilo do «se não estás comigo estás contra mim», a outra é a de pensar que não há diferenças qualitativas entre os caminhos, sendo tudo igual. Porventura a verdade pode estar no meio termo: há caminhos melhores que outros consoante as pessoas em questão, as suas culturas, estruturas individuais espirituais, tendências de personalidade, sendas evolutivas, etc. Se há sete escolas de iniciação espiritual (não falo propriamente das existentes fisicamente que põem anúncio nos jornais ou têm páginas na Net) é porque há (ou tem havido) pelo menos sete formas distintas de crescer para Deus.

Cada acção individual, cada prática espiritual, cada método oculto tem os seus efeitos específicos: as suas fragilidades e as suas capacidades intrínsecas. Algo que pode ser muito negativo para alguém pode não ser assim tão negativo para outra pessoa e até lhe trazer um grande crescimento anímico (o que para um é veneno, para outro é remédio). Mas também se deve ter em conta que quando um dado método contradiz fortemente o processo evolutivo geral, esse crescimento anímico pode ser alcançado ou mantido à custa de mais esforço e sofrimento, mas o ser humano é livre de desejar o que quiser e de experimentar o modo mais fácil de satisfazer esses desejos, assim como deve ser consciente o suficiente para absorver as reacções da vida aos seus desejos e acções, sejam elas agradáveis ou desagradáveis.

Por outro lado, a perigosidade de algumas das práticas discutidas não deve ser entendida de forma absoluta ou rígida, pois depende do nível evolutivo específico em que cada pessoa, que com elas contacta, se situa, da intensidade e regularidade com que é praticada, da intenção com que é abordada e dos objectivos a serem alcançados, e diversos outros factores. A oração pode ser uma terrível arma de magia negra, bem como uma via pura para Deus, e se a uns pode levar à santidade, a outros pode levar à loucura. Os poderes psíquicos sempre tão desejados, podem ser uma consequência dum desenvolvimento espiritual harmonioso como resultarem duma busca «satânica»; podem constituir uma via para melhor se ajudar o desenvolvimento espiritual global ou tornarem-se um lamaçal que contamina e devora a alma de quem os possui.

Geralmente a necessidade de se adoptarem medidas muito cautelosas, e dos erros terem consequências muito intensas, estão associados às pessoas mais adiantadas espiritualmente (já diz o provérbio que quanto mais alto, maior é a queda), às pessoas que são mais sensíveis ou susceptíveis a influências etérico-astrais ou àquelas em que as estruturas físicas, materiais, emocionais ou mentais se encontram menos estruturadas e resistentes.

Por fim, se é verdade que em qualquer actividade humana não há uma única espécie de adeptos ou de praticantes, também no mundo da espiritualidade podemos encontrar bons e maus adeptos ou praticantes. E como o «hábito não faz o monge», não é intenção do autor procurar fazer julgamentos sobre terceiros ou catalogar, de

forma inflexível, as pessoas e as suas intenções pelas práticas seguidamente descritas, embora isto também não queira dizer que a máxima de que é pelas obras (e pelos fins que elas servem) que as pessoas se dão a conhecer deva ser escamoteada.

Diversas vezes se referirá ao longo da obra Cristo, considerado por diversos esoteristas e místicos como o supremo iniciador e orientador da humanidade, mas a abordagem desta figura excelsa, seja Ele tido como um Arcanjo, um Mestre, (um) Deus ou filho de Deus, não deve tomada como sendo idêntica à das igrejas cristãs tradicionais, pois as diferenças são várias e de fundo, além de que Cristo como mestre da humanidade não é pertença de nenhuma religião em particular, sendo transversal a todas as religiões, filosofias e acções da Terra, sempre que o Amor se torna uma expressão vivificada no eu superior de cada ser humano.